



Thiago de Araújo Costa

Trilhando uma epistemologia da lentidão

Pensando o refreamento de processos urbanos que adquiriram uma face hegemônica na contemporaneidade, a proposta é mobilizar algumas pistas que indicam o teor epistemológico que reside na lentidão incorporada pelos habitantes das cidades. O principal ponto de partida para tal reflexão foi elaborado por Milton Santos (2001, 2004), de quem herdamos um pensamento sobre os homens lentos que refutam a dominação da racionalidade capitalista e constituem uma temporalidade singular no curso de suas práticas espaciais mais cotidianas e no uso dos espaços públicos. Nos últimos escritos do geógrafo, podemos tomar contato com um efetivo elogio da lentidão, que vincula-se ao ritmo urbano alternante do pretenso paradigma das cidades globais.

Desdobrar o que foi elaborado pela Geografia a partir do reconhecimento da presença dos homens lentos nas cidades brasileiras nos leva a reconhecer contrapontos à racionalidade urbanística produtora de cidades céleres, a mesma que se encontra concentrada em planejar a unicidade de fluxos globais desprezando a especificidade dos lugares. A mobilidade desses sujeitos da lentidão pode, de outro lado, constituir uma outra abordagem no Urbanismo, propondo o engajamento com a corporeidade dos habitantes das cidades no sentido de apreendermos a cidade contemporânea¹.

Essa perspectiva corporal da cidade baseia-se, nesse ponto, em argumentos que explicitam uma relevância epistemológica e constituem um modo de avivar a consistência sensível da lentidão.

*mestre PPG Arquitetura e Urbanismo UFBA

Portanto, mesmo avistando as dominações da celeridade no contexto global, a proposta que aqui se faz parte do questionamento de uma racionalidade que insiste em obliterar a lentidão inserindo-a em condições residuais. A abertura para a epistemologia poderia nos trazer de encontro a argumentos que revertam as posições residuais impostas à lentidão, enxergando a lentidão como um estado corporal tático, ou ainda, uma astúcia que nos leva a pensar na lentidão enquanto um saber.

As operações epistemológicas pensadas no contexto do Sul global vêm sugerindo a interpenetração das ritmicidades obliteradas, aqueles movimentos ritmados pela resistência e que tem sido com frequência aviltados pelo planejamento urbano estratégico. Defendendo o aperfeiçoamento da epistemologia-Sul, o sociólogo Boaventura de Souza Santos (2008) nos convida a projetarmos uma “cidade multitemporal, oposta” às formas de conhecimento que engrenam a residualização das temporalidades lentas, especialmente àquelas alternativas à aceleração estratégica atrelada em fluxos econômicos.

De tal modo, a imagem da cidade multitemporal está imbuída de uma reflexão que

insufla as temporalidades subalternas, entre as quais a lentidão é destacada. A assimilação de uma cidade prenhe de muitos-outros-tempos dá andamento ao reconhecimento das alteridades coexistentes que desestabilizam irreversivelmente a imagem fixada pelo planejamento técnico e científico da cidade. São bem vindas as falas que assumem a urgência epistemológica das cidades contemporâneas, em especial das cidades pobres do Sul global: a necessidade de um discurso alternante corporifica o enunciado de racionalidades alternativas.

Nesse contexto, a fala de Ana Clara Torres Ribeiro (2010) foi dirigida nesta direção, assumindo a necessidade de um gesto epistemológico que persiste e não sucumbe na engrenagem da hegemonia, pois a multiplicidade de experiências sociais presentes nas cidades brasileiras nos convida, a todo momento, a uma atividade de corporificação, um exercício de escuta muito atento, que precisa reparar nos ruídos e nos silêncios. Em meio a referências para uma possível epistemologia dentro de cidades tatuadas pela racionalidade colonizadora, a lentidão se coloca enquanto manobra social, como uma ação política que viabilizaria inúmeras experiências corporais da cidade. Por esta via, a

A existência do camundongo Mickey é um desses sonhos do homem contemporâneo. É uma existência cheia de milagres, que não somente superam os milagres técnicos como zombam deles.

A horrível mixórdia de estilos e concepções do mundo do século passado mostrou-nos com tanta clareza aonde esses valores culturais podem nos

conduzir, quando a experiência nos é subtraída, hipócrita ou sorrateiramente, que é hoje em dia uma prova de honradez confessar nossa **pobreza**. Sim, é preferível confessar que essa pobreza de experiência não é mais privada, mas de toda a humanidade. Surge assim uma **nova barbárie**.

GIORGIO AGAMBEN: Dom Quixote, o velho sujeito do conhecimento, foi enfeitado e pode apenas fazer experiência, sem jamais tê-la. Junto a ele, Sancho Pança, o velho sujeito da experiência, pode apenas ter experiência, sem jamais fazê-la.

Deste modo, a formulação mais rigorosa do problema da experiência acaba por fundar a sua possibilidade através da proposição de um inexperienciável.

representação estrutural a lentidão está assentada numa apreensão mecanicista do mundo.

DILATAÇÃO TEMPO-ESPAÇO

Outra teoria que revela a urgência da reflexão epistemológica e que também incide sobre a percepção dos ritmos urbanos contemporâneos está ancorada no conceito da compressão tempo-espaço. Esta interpretação originária da Geografia norte-americana ganhou bastante adeptos no Brasil ao longo de toda a década de 1990, sendo que, mais recentemente, essa teoria voltou a ser debatida nos meandros do campo geográfico, onde fica claro que o uso de tal conceito não pode servir para a leitura de toda e qualquer localidade, ele requer uma atualização e um cuidado epistêmico que nos alerta para o fato de que, em tal teoria da globalização, reside uma descorporificação do espaço.

Podemos considerar também que esta perspectiva pode realçar as tensões entre velocidade e lentidão trazendo junto de si a natureza própria dos lugares contemporâneos, contribuindo, pois, para se problematizar a imagem da cidade comprimida por fluxos. O lugar, enquanto uma categoria geográfica que se forma na aproximação

com a experiência corporal dos sujeitos, poderia ser o conceito-operador da revalorização da experiência sensível da geografia.

Assim, a descorporificação do espaço global seria redimensionada na busca por sentidos rítmicos que atravessam a consistência dos lugares. Nesse aspecto, destaca-se a crítica da teoria da compressão tempo-espaço desenvolvida por Doreen Massey (2000), que nota em tal corrente a submissão do lugar ao global, o estancamento dos sentidos plurais das grandes cidades e o cerceamento da apreensão do cotidiano. A crítica da compressão tempo-espaço como a única narrativa histórica do período contemporâneo refuta um pensar que privilegia, mais que tudo, a dimensão econômica dos processos de globalização.

Com o objetivo de atribuir ao lugar um papel que resguarde sua especificidade mas mantenha uma consciência global, a crítica lançada por Massey trabalha a compressão tempo-espaço partindo de uma atitude teórica que apalpa o poder constituinte da “mobilidade diferencial”. (MASSEY, 2000, p. 180) A mobilidade diferencial se relaciona com a ideia de que a velocidade e a lentidão perpassam um regime político onde elas são diretamente co-responsáveis

GIORGIO AGAMBEN: Porque a experiência tem o seu necessário correlato não no conhecimento, mas na autoridade, ou seja, na palavra e no conto, e hoje ninguém mais parece dispor de autoridade suficiente para garantir uma experiência, e se dela dispõe, nem ao menos a aflora a idéia de fundamentar em uma experiência a própria autoridade.

Daí o desaparecimento da máxima e do provérbio, que eram as formas

nas quais a experiência se colocava como autoridade. O *slogan*, que os substituiu, é o provérbio de uma humanidade que **perdeu a experiência**.

Pois, contrariamente ao que se repetiu com frequência, a ciência moderna nasce de uma desconfiança sem precedentes em relação à experiência como era tradicionalmente entendida.

WALTER BENJAMIN: Algumas das melhores cabeças já começaram a ajustar-se a essas coisas. Sua característica é uma desilusão radical com o século e ao mesmo tempo uma total fidelidade a esse século.

Tanto um pintor complexo como Paul Klee quanto um arquiteto programático como Loss rejeitam a imagem do homem tradicional, solene, nobre, adornado com todas

desafio de integrar a lentidão no bojo das discussões epistemológicas, deslocando-a do lugar residual que o pós-modernismo celebratório lhe atribuiu. Tentando restituir as alternativas, as possibilidades e as intersecções entre várias acepções do tempo, um pensamento que emerge das experiências sociais para criticar a imposição de uma única cristalização temporal. Aqui se abriga o empenho de urdir o palimpsesto da cidade multitemporal e promover o desenvolvimento de uma relação especial com os lugares e assumindo a potência das muitas-outras ritmicidades urbanas. Esse empenho suscita a atenção para a temporalidade dos lugares moldando a operação epistemológica que reitera o acionamento de diacronismos na interpretação da cidade contemporânea. Como alerta Boaventura de Souza Santos,

[...] as relações de dominação mais resistentes são as que assentam nas hierarquias entre temporalidades e essas continuam hoje a ser constitutivas do sistema mundial. São essas hierarquias que reduzem tanta experiência social à condição de resíduo. As experiências são consideradas residuais porque são contemporâneas de maneiras

que a temporalidade dominante, o tempo linear, não é capaz de reconhecer. São desqualificadas, suprimidas ou tornadas ininteligíveis por serem regidas por temporalidades que não se encontram incluídas no cânone temporal da modernidade capitalista ocidental. (SANTOS, 2008, p. 109)

Portanto, enquanto percebermos a pretensa canonização da temporalidade linear não deixaremos de jogar com outros modos de acepção temporal. A relação entre tempo linear e tempo rápido ilustra as posturas do planejamento urbano que interage com a cidade ao simular para no futuro uma obviedade sedutora, este cenário, promovido com grande fôlego pelo do planejamento estratégico, celebra, antes de tudo, um anseio que consiste na estratégia indolente de dilatar o futuro e contrair o presente.

A concepção de tempo linear no planejamento urbano aparece com bastante nitidez em projetos sempre voltados para horizontes vindouros como fica evidente na preparação das cidades para os megaeventos esportivos, esta se inicia vários anos antes do acontecimento ditando a gestão urbana para uma finalidade cronometrada. O tempo linear

WALTER BENJAMIN: Não é por acaso que o vidro é um material tão duro e tão liso, no qual nada se fixa. É também um material frio e sóbrio. As coisas de vidro não têm nenhuma aura. O vidro é em geral o inimigo do mistério. É também o inimigo da propriedade.

Será que homens como Scheerbart sonham com edifícios de vidro, porque professam uma nova pobreza?

PASQUALINO MAGNAVITA: A arquitetura é o rosto da cidade. Nesse contexto, devemos enfatizar a importância da “fachada”.


O conceito da experiência deve ser voltado para a criação de algo novo no urbano (experiência urbana). Quando se sai dos conceitos dialéticos, a cidade pode ser interpretada de uma nova forma. Talvez este estudo tenha um caráter “excessivamente hermenêutico”.

FERNANDO FERRAZ: Mas o conceito de experiência é fundamental. Os textos de Agamben e Benjamin são ferramentas, sem base documental, cairemos no “achismo”.

dilata o futuro e contrai o presente, por isso a ecologia das temporalidades que está na base da epistemologia que trilhamos age de maneira inversa, contraindo o futuro e dilatando o presente.

Acolhendo a epistemologia da lentidão o pensamento urbano passa a se familiarizar com as superposições e as diversas formas resultantes de outras concepções temporais que podem, inclusive, ser espiraladas. Essa temporalidade perfaz outra versão do sentido histórico porque nos traz para junto o tempo temporário, heterogêneo, não mensurável ou desmedido. Pensar a lentidão no campo do urbanismo não se separa, pois, de uma reflexão sobre as demarcações impostas pelo conhecimento disciplinar, nisso o vínculo entre distintas visões de mundo é tanto político quanto epistemológico.

Finalmente, como um meio de questionar uma cidade desenfreada, escolhemos trabalhar com um sentido específico da lentidão que urge por ser corporificado para infiltrarmos na trama do sistema de totalização da celeridade algum elemento que possa desestabilizar a imagem consensual da cidade. Sobretudo, está em jogo a chance de reconhecermos

na corporeidade dos sujeitos da lentidão o questionamento incessante dos sentidos da racionalidade que respalda o planejamento urbano. 

Notas

¹ Esse texto é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada 'Deambulações pelo Aglomerado da Serra: lentidão, corporeidade(s) e obliteração em favelas de Belo Horizonte', orientada por Paola Berenstein Jacques e co-orientada por Fabiana Dutra Britto; a dissertação pode ser consultada na íntegra a partir do site do Laboratório Urbano (www.laboratoriourbano.ufba.br).

SANTOS, Milton. **Elogio da lentidão**. São Paulo: Folha de São Paulo, 11 de março de 2001.

_____. **O tempo nas cidades**. São Paulo: Ciência e cultura, 56, 2, abril-maio 2004, p.21-22;

SANTOS, Boaventura de Souza. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2008.

VIRILIO, Paul. **Velocidade e política**. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

MASSEY, Doreen. *O sentido global do lugar*. em ARANTES, A. **O espaço da diferença**. Campinas: Papiрус, 2000.

WALTER BENJAMIN: Ficamos pobres. Abandonamos uma depois da outra todas as peças do patrimônio humano, tivemos que empenhá-las muitas vezes a um centésimo do seu valor para recebermos em troca a moeda miúda do "atual".

ARENDT, Hannah. *As esferas pública e privada*. In: ARENDT, Hannah. **A condição humana**. 10. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: ensaio sobre a destruição da experiência*. In: **Infância e História: destruição da experiência e origem da História**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BENJAMIN, Walter. *Experiência e pobreza*. In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura – Obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1985. (v. 1)